

José António Saraiva

# **SALAZAR É A SUA ÉPOCA**

1. Da infância em S.<sup>ta</sup> Comba  
à ida para Lisboa

gradiva

# Índice

APRESENTAÇÃO — Um livro iniciado há quarenta anos	9
PRÓLOGO.....	13

## PRIMEIRA PARTE

DE 23 DE MAIO DE 1926 A 27 DE ABRIL DE 1928

1. O Movimento «Redentor» .....	19
23-25 de Maio de 1926, domingo a terça-feira .....	19
26 de Maio, quarta-feira .....	26
26 e 27 de Maio, quarta e quinta-feira.....	32
28 de Maio, sexta-feira .....	38
29 de Maio, sábado .....	52
30 de Maio, domingo.....	65
31 de Maio, segunda-feira.....	69
1 de Junho, terça-feira.....	77
2 de Junho, quarta-feira .....	82
3 de Junho, quinta-feira .....	85
4 de Junho, sexta-feira .....	93
5 de Junho, sábado .....	95
6 de Junho, domingo.....	97
10-15 de Junho, quinta a terça-feira .....	100
16 e 17 de Junho, quarta e quinta-feira.....	103
18 de Junho-5 de Julho, sexta a segunda-feira.....	113

6-8 de Julho, terça a quinta-feira .....	117
9 e 10 de Julho, sexta-feira e sábado.....	120
<b>2. O Consulado de Sinel de Cordes.....</b>	<b>124</b>
O Palácio fatídico.....	124
O exílio e a desilusão de Gomes da Costa .....	125
O «duplo» de Sinel de Cordes .....	127
Salazar volta a Lisboa e perde a mãe .....	129
O empréstimo — Parte 1 .....	130
3-7 de Fevereiro: a sangrenta revolta .....	133
A revolta em Lisboa.....	138
A organização dos exilados.....	142
A desilusão dos republicanos .....	144
Utopia em Paris.....	148
Salazar magoado com Sinel.....	152
A insatisfação instala-se nos quartéis .....	154
Passos e Sousa convida Salazar .....	156
O inenarrável «Golpe dos Fifis».....	159
Salazar recusa novo convite .....	162
A única viagem além-Pirenéus.....	164
O empréstimo — Parte 2 .....	166
O cerco a Sinel de Cordes.....	168
A recusa do empréstimo e a euforia nacionalista.....	173
O enviado do Papa .....	175
A queda de Sinel e a resistência de Salazar.....	180
Finalmente o «sim» .....	181
Uma posse... para a eternidade .....	185

#### SEGUNDA PARTE

#### DE 28 DE ABRIL DE 1889 AO INÍCIO DA GRANDE GUERRA

<b>1. O Tempo da Infância .....</b>	<b>193</b>
Um apelido trocado.....	193
A bofetada inglesa.....	197
As primeiras letras.....	201
<b>2. No Seminário de Viseu .....</b>	<b>203</b>
A opção pelo sacerdócio .....	203
Os anos de internato.....	205

3. A Descoberta do Amor .....	208
O primeiro namoro .....	208
João Franco, o reformador suicida.....	212
A entrada em cena de Affonso Costa.....	214
Um Lenine à portuguesa .....	215
A sentença de morte.....	218
A separação dos namorados.....	219
4. A Grande Tragédia.....	222
Regicídio: o anúncio do fim .....	222
O «Golpe do Elevador» .....	226
As dúvidas de Salazar .....	229
Os católicos, a Monarquia e a República .....	230
A temível Carbonária .....	236
Celebrar o regicídio.....	238
Ataques impiedosos .....	243
Mais um Verão no Vimieiro.....	246
Dois anos a ganhar tempo .....	248
5. A Renúncia ao Sacerdócio .....	254
Salazar conclui Curso dos liceus .....	254
O tridente republicano .....	255
Uma opção para a vida.....	260
6. Finalmente a República! .....	264
Dias 2 e 3 de Outubro.....	264
Noite de 3 para 4 de Outubro.....	266
Dia 4 de Outubro .....	270
O Dia da Vitória .....	274
Uma tática errada .....	276
7. O Tempo de Coimbra .....	279
Salazar na Universidade.....	279
O terror jacobino .....	282
A Carbonária, a Maçonaria e o futuro da República .....	290
A «geração do <i>Ultimatum</i> » .....	295
A descoberta da cidade .....	296

A reacção da Igreja .....	301
Os guardiões da República.....	307
As primeiras eleições .....	309
A degradação económica e social.....	311
As ilusões monárquicas .....	313
A separação dos «irmãos» .....	315
O segundo ano em Coimbra .....	318
António José e Camacho vão à sua vida .....	319
8. Anos de Luta .....	322
O CADC e o nascimento do <i>Imparcial</i> .....	322
A primeira colaboração de Salazar.....	324
Um prolongamento da Monarquia, para pior .....	329
Ventos de Coimbra.....	331
Batalha campal em Coimbra .....	333
O fantasma da guerra .....	338
Portugal e Inglaterra: um jogo de escondidas .....	345
Uma capital a ferver, pobre e suja .....	347
EPÍLOGO PROVISÓRIO .....	351
NOTAS.....	353
FONTES .....	361

## APRESENTAÇÃO

### Um livro iniciado há quarenta anos

Por inacreditável que pareça, este livro começou a ser escrito há... quarenta anos.

Eu explico.

Quando o original estava quase pronto, e me preparava para a revisão final, a minha mulher descobriu numa arrecadação da nossa casa (que funciona como armazém de livros) um monte de folhas escritas, umas à máquina e outras à mão, que percebeu logo dizerem respeito à matéria do livro que eu estava a escrever naquele momento.

— **Mas isto é exactamente o mesmo livro que estás a fazer!** — exclamou, estupefacta, enquanto folheava os papéis amarelados pelo tempo.

E era. A minha surpresa foi quase igual à sua quando comecei a ler aquelas páginas. As dactilografadas continham um texto na sua forma final, já corrigido e pronto a seguir para a tipografia; as manuscritas eram notas soltas ou textos inacabados. E estes eram escritos numa letra tão pequena, tão incrivelmente minúscula, que mesmo com óculos não os conseguia ler. De qualquer forma, estava ali um trabalho formidável.

Perguntará o leitor, igualmente surpreso: mas eu não me lembrava de ter feito aquele trabalho? Apesar do tempo transcorrido, não tinha ideia daquela investigação e de ter escrito aquelas folhas? É claro que me lembrava, embora tenha havido duas coisas que me surpreenderam: não tinha memória de que a investigação fosse tão profunda e não pensava que parte do texto estivesse tão adiantada do ponto de vista formal.

Insistirá o leitor: mas, sendo assim, como se explica que, quando voltei a escrever sobre aquela época, não tenha tentado recuperar o trabalho feito? E, já agora, por que o interrompi?

Interrompi-o quando me convidaram para a direcção do semanário *Expresso* e a minha vida mudou.

Nessa nova função, os primeiros tempos foram extenuantes, física e mentalmente. Depois, durante anos, não consegui escrever nada além das crónicas e dos editoriais do jornal. E quando regresssei aos livros fi-lo com outro espírito. Pus de parte os estudos históricos e optei por uma escrita memorialista e pela ficção, menos exigentes no plano da investigação.

Mas como o bom filho à casa torna, ao deixar o jornalismo — trinta e três anos depois de o ter abraçado profissionalmente (sendo os últimos dez no semanário *SOL*, que fundei com um grupo de jornalistas amigos) — regresssei à História. E ao período do Estado Novo. Daqui nasceu uma trilogia a que dei o título de *Estado Novo: a História Como Nunca Foi Contada*.

Publicados os três volumes desta obra, que conheceu um razoável êxito, percebi logo que o seguinte seria sobre o período imediatamente anterior: a época em que nasceu e cresceu o fundador do Estado Novo, e os seus primeiros passos na política. Ora, era precisamente essa época que eu estava a investigar quatro décadas antes.

Mas por que não tentei, então, recuperar o trabalho feito quando me lancei numa nova pesquisa, em vez de começar tudo de novo? Não seria essa a decisão natural e lógica? A resposta é simples: porque receei que isso me limitasse. Se retomasse o trabalho anterior, a minha visão dos aconteci-

mentos ficaria à partida condicionada, comprometendo um olhar diferente sobre o tema. A frescura, a criatividade, o aparecimento de uma perspectiva nova só seriam possíveis fazendo tudo desde o princípio. Tomei assim a decisão de só voltar a pegar naquelas folhas no fim, quando o livro estivesse praticamente concluído.

E foi quase o que aconteceu.

Ao reler o que tinha escrito antes, e comparando-o com o novo texto, verifiquei duas coisas: a perspectiva sobre o período era idêntica e o grosso dos factos apurados também, o que me confortou e transmitiu segurança. Até encontrei nos dois textos frases quase iguais, o que não deixa de ser impressionante dado o número de anos que os separa. Mas tive igualmente surpresas. Descobri na investigação anterior factos e ângulos de visão que desta vez me tinham escapado. E foi isso que me levou a tomar uma decisão com que de todo não contava: cotejar linha a linha a nova versão com a antiga, aproveitando o que nesta havia de novo ou original.

Pode assim dizer-se que esta obra resulta da fusão de dois livros inacabados, escritos com uma diferença de quatro décadas. Mas tratou-se de uma fusão criativa. Em vez de condicionar o texto final — como poderia ter acontecido se tivesse retomado a investigação anterior —, potenciou-o. Sinto que esta versão é mais rica, rigorosa e próxima da realidade do que qualquer das outras duas.

Uma última nota: dividido em dois volumes, dada a sua extensão, este livro cobre o período que vai de 1889, ano em que Salazar nasceu, até 1932, ano em que se tornou presidente do Conselho. São quarenta e três anos da História de Portugal muito agitados e turbulentos.

No início, as duas histórias — a do país e a de Salazar — situavam-se naturalmente em pontos muito distantes. A dele numa pequena aldeia da Beira Alta, a do país decidindo-se sobretudo em Lisboa.

Mas à medida que o tempo avança, as duas histórias aproximam-se. Salazar torna-se uma figura importante nos meios conservadores, e o país, com o golpe de 28 de Maio,



vira à direita. Até que os destinos se tocam — quando Salazar assume o Ministério das Finanças, em 1928. E finalmente se confundem — no momento em que Salazar sobe a chefe do Governo e começa a controlar o Estado. A partir daí, as vidas de Salazar e do país passam a ser uma só.

O percurso do jovem António d'Oliveira Salazar desde a pequena aldeia do Vimieiro até ao Palácio de S. Bento, num país sacudido por violentos acontecimentos — é essa história que procuro reconstituir nas páginas deste livro.

## Prólogo

Os primeiros vinte anos da vida de Oliveira Salazar são vividos na fase declinante da Monarquia, embora ele não o sinta muito: move-se no país profundo, entre Santa Comba Dão e Viseu, onde os ecos da política quase não chegam. Só depois de se instalar em Coimbra, em 1910, começará a ter consciência das lutas políticas que se travam no país — e a interessar-se por elas.

Dois anos antes, com o assassinio do Rei D. Carlos, iniciara-se em Portugal uma guerra civil não declarada que durará duas décadas. Os contendores irão assumir vários nomes, consoante as diferentes épocas e lugares: republicanos contra monárquicos, ateus contra católicos, aliadófilos contra germanófilos, outubristas contra dezembristas, progressistas contra conservadores, oposicionistas contra situacionistas, esquerdistas contra direitistas, revolucionários contra reacionários. Lutam com raiva, às vezes de armas na mão, acreditando ingenuamente — uns e outros — que podem aniquilar o adversário «para sempre».

Num ritmo estonteante, sucederam-se os episódios violentos.

Em 1 de Fevereiro de 1908, o Rei D. Carlos e o príncipe herdeiro Luiz Filipe foram assassinados no Terreiro do Paço. Em 5 de Outubro de 1910, foi derrubada a Monarquia e

proclamada a República. Em 1911 e 1912, Paiva Couceiro invadiu o Norte a partir da Galiza para restaurar o regime monárquico. Em 20 de Janeiro de 1915, um pronunciamento pacífico de oficiais abriu caminho a uma ditadura, liderada por Pimenta de Castro. Em 14 de Maio do mesmo ano, uma sangrenta revolta em Lisboa repôs o parlamentarismo. Em Dezembro de 1917, Sidónio Paes derrubou o Governo e o Presidente da República, inaugurando a *República Nova*. Em 16 de Outubro de 1918, o visconde da Ribeira Brava foi morto numa transferência de presos do Governo Civil de Lisboa para prisões nos arredores. Em 14 de Dezembro de 1918, Sidónio Paes foi abatido na estação do Rossio, quando partia para o Porto. Em Janeiro de 1919, Paiva Couceiro restaurou a Monarquia no Porto, e dias depois, em Lisboa, um grupo de monárquicos hasteou a bandeira azul e branca na serra de Monsanto. Em 19 de Outubro de 1921, vários políticos foram mortos por marinheiros amotinados, entre os quais o chefe do Governo, António Granjo, e o «herói» do 5 de Outubro, Machado Santos. Em Abril de 1925, Sinel de Cordes e alguns generais revoltaram-se e foram presos, sendo depois elogiados e absolvidos em tribunal. Em 28 de Maio de 1926, Gomes da Costa declarou-se sublevado em Braga, fazendo cair o Governo de António Maria da Silva e o Presidente Bernardino Machado, que entregou o poder a Mendes Cabeçadas. Em 17 de Junho seguinte, Gomes da Costa depôs Cabeçadas e assumiu o poder. Em 9 de Julho, Sinel de Cordes mandou prender Gomes da Costa, colocando no seu lugar Óscar Carmona. Em 3 de Fevereiro de 1927, uma revolta republicana no Porto foi violentamente reprimida pelo próprio ministro da Guerra, e em 7 de Fevereiro o movimento teve uma réplica em Lisboa. Finalmente, em 27 Abril de 1928, Carmona chamou Oliveira Salazar para a pasta das Finanças, substituindo Sinel de Cordes.

Surpreendentemente, este último acontecimento irá mudar tudo. A entrada de Salazar no Governo, e sobretudo a sua posterior subida a primeiro-ministro, inaugurará um longo período de estabilidade, pondo fim a vinte anos de turbulência política e caos nas ruas.

Como foi isto possível?

O que teria mais do que os outros aquele professor de Coimbra tímido, de aspecto frágil, que não levantava a voz e parecia profundamente solitário? Não dispendo sequer de um partido para o apoiar, como conseguiu impor-se num tempo dominado pelos militares? Donde vinha a sua força?

No discurso de posse como ministro das Finanças, na Sala do Conselho de Estado do respectivo Ministério, em 27 de Abril de 1928, começará por dizer, na sua voz periclitante: «*Sei muito bem o que quero e para onde vou*». E esta frase irá persegui-lo até ao fim da vida. Uns verão nela as certezas de um homem de convicções, seguro das suas verdades, afirmativo e determinado; outros apresentá-la-ão como prova de uma insuportável auto-suficiência, da vaidade pueril de um indivíduo teimoso, provinciano, sem as dúvidas criadoras que assaltam os homens cosmopolitas e de inteligência superior.

Porém, poucos referem que, logo a seguir àquela afirmação, o novo ministro relativizou-a, dizendo «*mas não se me exija que chegue ao fim em poucos meses*». Ou seja: sei o que há a fazer mas não sou um santo milagreiro.

No fim da cerimónia, quase todos os presentes se interrogavam sobre a natureza e as origens daquele indivíduo enigmático. Sabiam que era lente em Coimbra, que fora ministro por poucos dias a seguir ao 28 de Maio, que escrevera uns artigos sobre finanças nos jornais — e pouco mais. Ah... corria que, para aceitar o cargo, impusera condições leoninas, a que o Presidente da República e o chefe do Governo se haviam submetido.

Alto, magro e anguloso, de expressão severa, no dia seguinte à tomada de posse Oliveira Salazar fará trinta e nove anos mas parece mais novo. «*Conserva negra a cabeleira farta, com risca à esquerda, e aparada curta. [...] O rosto ossudo, muito branco, chupado, seco, apoia-se num pescoço magro. Com o seu colarinho de goma, alto e rijo, e todo vestido de escuro como de luto, tem o ar ascético, escanhado e nítido, de um clérigo anglicano ou de um sábio alheio ao mundo*» — escreverá o seu principal biógrafo.<sup>1</sup>

Tendo ocupado aquela pasta dois anos antes, em 1926, por fugazes cinco dias, este era o regresso de Salazar a uma casa que já conhecia — embora o país ainda o desconhecesse.

Os dois anos que mediaram entre Junho de 1926 e Abril de 1928, entre a demissão de Salazar de ministro das Finanças de Mendes Cabeçadas e a sua vinda definitiva para Lisboa, tinham sido especialmente agitados e recheados de acontecimentos que importa conhecer com algum pormenor.